

Ficção Dungeons & Dragons

por Ed Greenwood



A Noite das Damas no Portal Bocejante

Um conto de uma festa inusitada, com convidados inusitados

A mulher nas vestes impróprias se colocou totalmente de pé e rosnou com aspereza, “Para trás, tolos! Halaster Manto Negro não é laçao de ninguém!”

A voz dela soou um tanto alarmada no final de sua afirmação, mas as outras damas usando máscaras e disfarces igualmente desajeitados riram animadamente.

“Oh, que disfarce inteligente!”, uma disse dando risadas. “E o que é isso que você está carregando?”.

“O terrível Pingüim da Lua de Boof”. o falso Halaster resmungou. “Então me insultem, qualquer um de vocês, e – *Halamaravata!*”.

E com esse grandioso feitiço de provocação ela gesticulou ameaçadoramente com seu pacote de estranhas formas, que parecia mais ou menos o que realmente era: o busto de madeira de alguém cuja identidade verdadeira estava escondida sob a toalha que a envolvia.

“Damas, damas!”, uma voz fria surgiu da escuridão à frente do arco da linha das mulheres que esperavam. “Sem conflitos, por favor, e sem ameaças! Não podemos ser responsáveis pela segurança ou até mesmo sobrevivência daqueles que usarem mágica dentro do Portal!”.

As ávidas mulheres se inclinaram para frente em uníssono, tentando enxergar a origem daquela voz arrepiante. Compelidamente, algo branco de ossos deu um passo à frente para ser visto no limiar da porta. Esse “algo” parecia muito com um esqueleto humano ambulante.

Alguns gritos cortaram o ar e então mais aplausos.

CRÉDITOS ADICIONAIS

Escrito por: Ed Greenwood.

Créditos da Edição Nacional

Traduzido por: Sabrina Lattanzi

Revisado por: Daniel Bartolomei Vieira e Priscila Veduatto

Editado por: Daniel Bartolomei Vieira

Design Gráfico: Ricardo Costa

Baseado nas regras oficiais de **Dungeons & Dragons** criadas por Gary Gigax e Dave Arneson e no Design de jogo do novo **Dungeons & Dragons** criado por Jonathan Tweet, Monte Cook, Skip Williams, Richard Baker e Peter Adkinson.

D&D, DUNGEONS & DRAGONS e FORGOTTEN-REALMS são marcas registradas, propriedade da Wizards

of the Coast, Inc. Todos os personagens, nomes e características são marcas comerciais registradas da Wizards of the Coast, Inc. Este produto é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com lugares, organizações, eventos ou pessoas reais é mera coincidência.

Este material é apenas um brinde concebido pelo site Os Últimos Dias de Glória, portanto não é autorizado sua comercialização ou reprodução indevida.

www.wizards.com/dnd

www.ultimosdias.tk



“Oooh”, a voz risonha da matrona surgiu, “e quem seria você?”.

“Eu mesma”, o esqueleto disse simplesmente. “Sou bastante ocupada apenas por ser eu mesma. Não tenho tempo para tolices de interpretação ou máscaras. Eu sirvo drinques aqui no Portal Bocejante e entretenho homens de... gostos exóticos”.

Mais um pequeno momento de silêncio caiu na noite morna, ainda que houvesse a brisa noturna de Lei da Chama, e então o falso Halaster perguntou, “Ah... você é mesmo um esqueleto?”.

“Algo do tipo”. Uma mão ossuda apareceu e tocou o braço da mulher disfarçada. O falso Halaster viu apenas ossos, mas sentiu o toque de carne suave e nua. “Sou uma mulher e realmente viva”.

A mulher esqueleto levantou a voz para alcançar a fila de mulheres em espera e adicionou, “Bem-vindas à Noite das Damas no Portal Bocejante. Estas são as regras: qualquer uma que sacar uma arma, arremessar alguma coisa, fizer magia ou fizer qualquer mal a uma pessoa que não queira ser ferida, ou que sequer ameaçar fazer qualquer uma dessas coisas, serão elas mesmas feridas – ou pior – imediatamente”.

Ela deixou um pequeno silêncio para que aquilo fosse absorvido, mas quando a matrona sorridente começou a fazer uma pergunta, ela a ignorou clara e firmemente com as palavras, “Vocês podem manter seus disfarces ou se revelarem, como preferirem. Dentro dessas paredes alguns homens selecionados esperam para entretê-las e diverti-las, mas nenhum patrono será permitido dentro das portas do Portal nessa noite... embora, claro, tenhamos pouco controle sobre quem – ou o que – venha por baixo”.

Alguns sons excitados de descrença ou talvez de medo real foram ouvidos na fila. O esqueleto as deixou silenciarem antes de adicionar, “Espero que vocês se divirtam, mas devo lembrá-las de que essa noite é um teste; se o sucesso for arruinado, pode não haver mais Noites das Damas no Portal Bocejante na próxima estação, ou sequer outra vez. Estamos entendidas, damas?”.

Houve um coro de reclamações, porém de concordância, antes que alguém no final da fila perguntasse, “Veremos Durnan dançar?”.

A esqueleto dobrou seus braços sobre o peito e respondeu, “Vocês podem se surpreender com o pessoal que verão aqui hoje de noite. Não vi Durnan entre eles, mas pode ser que ele queira aparecer mais tarde”.

Muitas vaías foram ouvidas da fila, sugerindo que muitas das damas disfarçadas haviam ingerido bebidas fortes o suficiente para as despir de suas usuais reservas e julgamentos.

Isso foi confirmado pouco depois do esqueleto se

afastar, indicando o arco escuro e vazio, sugerindo, “Entrem!”.

Entre muitos risinhos, as mulheres disfarçadas de homens tropeçaram, correram ou se arremessaram pela entrada – e uma delas foi tão audaz a ponto de alcançar e tentar atravessar os ossos do esqueleto à espera, com a mão.

Seus dedos curiosos não tocaram ossos gelados, mas sim as curvas de um colo invisível que os cobria. A dona daquela mão audaz emitiu um suspiro que cresceu lentamente em um grito.

A esqueleto balançou sua cabeça conforme a mulher que gritava – usando uma máscara de Danilo Thann e uma fantasia dourada e brilhante de ‘espada da cidade’, com um ornamento de plumas e tudo mais – disparou na escuridão e colidiu alto e dolorosamente com alguém.

“*Definitivamente* bebida demais”, ela murmurou. “Essa vai ser uma noite realmente longa”.

“Aqui como eu prometi: o anel. Depressa!”.

“Mas e se tudo der errado? Afinal, uma sala cheia de mulheres ansiosas em disfarces aos quais não estão acostumadas, todas esperando diversão e, bem...”.

“Problema”.

“Exatamente. É certeza que alguém vai me ver e começará o derramamento de sangue – como podem não me ver? – e então haverá...”.

“Muitos gritos e fugas, confusão geral e esse anel te deixará seguro antes de alguém com magias suficientes para te encontrar possa chegar. Sim, bagunçado e bem público... mas sua melhor chance nessa estação, posso garantir, para chegar a ela – e depois a *ele*.”

“Mas mesmo se todas essas histórias sobre os ‘Escolhidos de Mystra’ forem um absurdo, ele não é apenas um lançador de magias limitado. Ele é o Lorde *Mago de Águas Profundas*!”.

“E é por isso que ele tem que morrer. Devia ter morrido há décadas atrás. Todos nós estaríamos melhor hoje se Halaster o tivesse derrotado no primeiro duelo. Pelo bem de Águas Profundas, Khelben deve morrer!”.

Um anel refletiu o brilho da lua conforme era colocado em um dedo, e o dono daquela mão assobiou em concordância e se virou para sair daquele lugar escuro e cheio de goteiras, voltando-se apenas uma vez para dizer suavemente, “Sim. Khelben deve morrer!”.

Não houve resposta, apenas o barulho sem fim do eco das gotas de água.

O homem usando o anel se apressou, tremendo ao descobrir as escadas que o levariam à morna noite de Águas Profundas. Três passos para cima, ele se arrepiou novamente e apertou ainda mais seu novo anel. Será que eles sempre tinham que armar contra seus assassinos nos malditos esgotos? O que havia de errado com algum lugar mais quente e que servisse vinho?

O Portal Bocejante, por exemplo...

O barulho no Portal Bocejante estava quase ensurdecedor, mas era uma surdez agradável. O disfarce adornado de dúzias de matronas e mulheres mais novas de Águas Profundas, moças procurando por emoção (algumas das quais eram filhas de matronas na mesma sala, esperando que seus disfarces escondessem suas identidades de suas mães) sacudiram e empurraram mesas acesas por magia onde os corpos musculosos cobertos de óleo de heróis contratados posavam em meio a gritos de aprovação.

Apesar da maioria das mesas de jantar e bancos costumeiros terem sido arrumados, a sala cheia de pilares estava cheia e quente, mergulhada em perfume, vozes ansiosas, vinho e tagarelice.

A sala já estava barulhenta com a notícia de que o notório vendedor de fofocas e escritor Volo havia sido descoberto – usando uma maquiagem ridícula e enchimento feito para que ele se parecesse com uma mulher – e atirado sem cerimônia no porto. Não haveria *O Guia de Volo para a Noite das Damas*, o rumor persistiu, a menos que Volo tivesse inventado tudo conforme nadava entre os peixes podres – e ousasse desafiar um decreto que custaria a ele quatro dedos se tal especulação fosse sequer vista em Águas Profundas.

A alta prateleira das canecas ao redor da sala tinha sido retirada de suas fileiras usuais e agora estavam cheias de pequenas criaturas dançantes, muitas das quais pareciam estar tocando, assoprando e de outra forma produzindo a música alta e selvagem que avivava e ecoava através da sala cheia de fumaça.

De sua mesa no fundo, o falso Halaster piscou para elas, com medo de que alguma mágica estivesse sendo feita. Não, sua visão era bem clara – aqueles eram esquilos! Esquilos dançando com gnomos... gnomos em vestidos com fios de prata que estavam fazendo malabarismos com sinos e criando música! Entre elas estavam algumas cujas mãos faziam anéis de chamas no ar repetidamente – anéis que de uma cor branca e prata, aveludada e macia, atravessavam uns aos outros. Eles se moviam como uma pequena

chama ao longo da saliência, como os olhos do falso Halaster determinou. Todos sabiam que Laeral, a Senhora Maga de Águas Profundas, e suas Irmãs tinham cabelos prateados...

Houve um brilho entre esses anéis, e a besta prateada se foi. Então veio outro brilho e o falso Halaster – como todas as outras damas na mesa, um Piergeiron falso, uma paródia de um velho nobre decadente e afetado e um falso oficial da Vigília com grandes bigodes que pareciam terem sido feitos de duas vassouras bem gastas – gritaram e se encolheram.

Sobre seus copos de vinho-de-fogo estava a criatura prateada, com olhos escuros e brilhantes sobre elas conforme mergulhava seu nariz nos drinques e sugava copo após copo em um instante, de forma barulhenta. Era uma... doninha!

O falso Halaster gritou novamente, exatamente ao mesmo tempo em que o falso Piergeiron. A doninha ergueu seu focinho que pingava, deu a elas o que pareceu ser um riso malicioso e – sumiu de novo, para reaparecer na prateleira, atravessando uma série de anéis de chamas ilusórios mais uma vez.

“Nosso vinho!”, o não-Vigília berrou.

“A única fraqueza da Doninha que Pisca Furiosa”, a esqueleto guarda da porta murmurou nos seus ouvidos, conforme pequenas coisas voadoras pareciam asas zumbindo e olhos brilhosos que saíam do nada para trazer-lhes novos copos cheios com gestos que não derramavam sequer uma gota. “Viciada em vinho-de-fogo. Bebam, senhoras, bebam ou ela voltará!”.

O falso Halaster tirou a máscara juntamente com um longo assobio, “Sou uma nobre de Águas Profundas, a mais antiga da minha casa e tenho os ouvidos de não menos que três lordes de Águas Profundas! Eu exijo saber: de onde esses gnomos que fazem malabarismos e essas doninhas treinadas e... e... coisas vêm?”.

“Milagres e maravilhas de Malaver, uma itinerante apresentadora de shows de bestas de Secomber, contratada para a noite”, a mulher que parecia só ossos respondeu. “Ali está Malaver em pessoa”.

Mascarada mais uma vez, a nobre matrona seguiu a direção do dedo ossudo até onde estava uma anã, vestindo um robe marrom parecendo uma batina de monge manchada de musgo, que subia bêbada em uma mesa onde um enorme guerreiro bronzado dançava.

O falso Halaster estremeceu, balançou sua cabeça e olhou para longe – mas não antes de ver Malaver tentar escalar uma perna brilhante e forte, e ser empurrada e arremessada nas cabeças da multidão que assobiava e vaiava dela e de sua dificuldade.

Algumas mulheres ao redor dela estavam *berrando* – deuses do céu, elas não tinham vergonha?

O enorme porco girando no espeto no final da sala de repente começou a ser consumido por chamas, conforme a cozinheira que usava basicamente penas e o próprio suor dançava para fora da cozinha e o encharcava com vinho, recebendo urros de aprovação.

De repente o ar estava cheio dos zumbidos das coisas dançantes novamente, dessa vez carregando espetos de carne. Os esquilos pelas prateleiras pareciam tremer e se encolher em desgosto pelo cheiro rico em temperos dos espetinhos, conforme esses projéteis de comida trovejavam de mesa em mesa, como pequenas flechas de fadas atiradas contra terra.

Mãos ávidas os pegavam, mas a dama que não era Halaster os olhou com dúvida e então se virou para a segurança da porta de carne invisível mais uma vez. “Que carne é essa?”.

“Esquilo assado. Uma iguaria de onde venho”.

O falso Halaster tremeu. “Isso é *nojento!*”.

Os ossos se encolheram – uma visão fascinante – e sua dona murmurou, “Isso não é crueldade, Senhora Irlingstar; essa é a cadeia alimentar”.

“Você sabe meu nome?”.

A guarda da porta se encolheu de novo. “Saber o suficiente para me manter viva é meu negócio, assim como é o negócio de todos os aventureiros bem-sucedidos”.

“Você – você é uma aventureira?”. O espanto transpareceu naquela pergunta, embora a Senhora Irlingstar tivesse se esforçado para reprimi-lo. Ler sagas românticas de aventureiras ousadas era seu maior prazer secreto.

A caveira de algum modo lançou um olhar estranho para ela. “Melhor que isso Senhora Ir... Halaster. Eu não apenas participo de aventuras, eu escrevo sobre elas”.

A Senhora Irlingstar fixou seus olhos nas órbitas vazias dos olhos, tão pertos dela, e o maxilar sorrindo infinitamente abaixo deles – e se arrepiou.

A máscara estava quente e o espartilho de borracha com suas grandes curvas e protuberâncias acolchoadas estava ainda mais quente, mas a hora estava próxima. Apenas alguns poucos suspiros no meio de todo esse miserável suor e cotovelos afiados de dançarinas bastante entusiasmadas, e Águas Profundas precisaria de um novo Lorde Mago.

Agora mesmo, a verdadeira Laeral estava se desvencilhando de uma pequena armadilha muito

engenhosa de magias entrelaçadas em Inverno Remoto, e evitando o escândalo familiar que a acompanhava – então *essa* Laeral, rindo e andando de forma um tanto dura pelos cantos da sala, com um vidro na mão, tinha de ser outra pessoa.

Khelben, provavelmente, viera para espionar e espreitar a pedido da família de Durnan, que, apesar da espantosa quantia que haviam aceito do pequeno grupo de matronas nobres de Salu Hiilgauntlet para entregar sua famosa hospedaria para ‘mulheres selvagens’ por uma noite, realmente queriam que o Portal sobrevivesse até a manhã.

O Lorde Mago de Águas Profundas não fazia aquele tipo de tarefa, claro; havia toda uma Ordem de Vigílias para aquilo. Ele havia concordado em vir por causa dos rumores espalhados.

O homem suando em sua máscara de borracha entre as dançarinas que se acotovelavam sabia desses rumores, pois ele mesmo havia feito muita coisa para espalhá-los. Um bando de moças aventureiras seria encontrado ali naquela noite, para seguir direto até a Montanha Subterrânea – o bando da Manopla Brilhante da Glória, patrocinado por aqueles infames halflings chamados de Lavadores de Escudos. Essas moças aventureiras somavam mais do que as poucas jovens nobres entre suas posições mascaradas e estavam animadas com alguns itens encantados há muito escondidos que elas haviam encontrado há algum tempo em Águas Profundas – itens de magia agora avidamente procurados pelos Magos Vermelhos de Thay.

Khelben dificilmente resistiria a tanta sedução. ‘Ela’ quase tropeçou conforme alcançou a extensão da parede onde as mesas eram poucas, mas, as senhoras amorosas que haviam trazido a magnífica companhia temporária de dançarinos, eram muitas e se aglomeravam juntas para manusear e orgulhosamente mostrar suas aquisições. Sim, essa não era Laeral, ou uma verdadeira mulher. Ela *tinha* que ser ele.

O homem deu alguns passos casuais e cuidadosos na direção do Khelben que se aproximava, com os dedos no anel. Esse *era* o Lorde Mago de Águas Profundas, afinal; ele teria apenas uma chance...

“Jalamra não gosta de cabeças de lula”, a enorme bárbara resmungou, movendo ombros que eram tão grandes quanto os de qualquer hobgoblin. O brilho de suor chamou a atenção de muitos olhos para as tatuagens em seus músculos largos e curvilíneos – cobras que abriam caminho por seus braços e dragões que percorriam sua barriga até seus seios.

“Jalam, eles *não* são devoradores de mente reais“, a flexível mulher de voz fina ao lado da bárbara disse rapidamente, dando um tapinha no cabo da espada de Jalamra. “Ratha – *Rathara* – pegue a outra mão dela!”.

“Para ela poder me lançar pela sala ao invés do seu machado? Não é uma estratégia que me impressiona”, uma mulher rechonchuda com voz de homem respondeu do outro lado de Jalamra.

“*Rathan!*”, a mulher de voz fina grunhiu, também soando definitivamente menos feminina, “Apenas faça-o!”.

“Ao seu comando *Tormarra*”, a mulher gorda cantou suavemente em um impossível falsete alto e floreado.

A bárbara desajeitada entre elas, que vestia tão pouco que sua feminilidade era inquestionável, olhou de uma de suas companheiras até a outra, e fixou seus olhos, indignada, nas duas.

“Jalamra conhece cabeças de lula pelo cheiro e o que tentam fazer com a cabeça dela”, ela grunhiu. “São *reais!*”.

“Jalamra, Jalamra“, a mulher de voz fina disse zombeteiramente, “você não viu magias de ilusão feitas antes? Eu te pergunto: *como* um bando de não menos que *sete* ilítdes, andando em certa visibilidade em seus robes com tentáculos violeta um pouco estremecidos conseguiriam chegar ao coração de Águas Profundas? Depois você vai me dizer que... *Mask e maldita Tymora, eles SÃO reais!*”.

Uma mão seguiu para uma adaga – mas sete cabeças se inclinaram para frente como uma, com tentáculos acertando com a rapidez de um raio.

Houve um brilho, uma crepitação parecida com o som feito pelo porco sendo assado mais cedo, e sete cabeças se enrijeceram, ficaram negras nas extremidades... e lentamente caíram para trás em... um repentino desaparecimento.

Um esqueleto correu para frente, sacou uma espada em suas mãos e disse furiosamente, “Quem fez magia no Portal? Qual de vocês?”.

“Ah”, disse uma sombra barbada atrás dela, conforme se transformava para a forma de um homem de robes cuja dignidade não diminuía conforme a mulher de carne invisível rodopiava e puxava sua espada para fora. “Seria eu”.

A lâmina de uma espada prontamente derreteu até sumir em uma chuva de centelhas azuis, deixando a guarda esquelética da porta segurando um cabo de fumaça e perguntando com uma voz diminuída pelo medo e raiva, “E você, quem é?”.

O mago barbado se inclinou, “Halaster da Montanha Subterrânea, ao seu dispor”.

Uma mulher absurdamente dotada de rebeldes cabelos de cor caramelo e olhos tão verdes quanto

vidro Calishita, deu um passo para frente, vinda de uma mesa próxima e disse “*Com licença*”, conforme sua beleza saudável caiu sobre o corpo de outro homem alto, magro, de barba e vestindo um robe, “Mas *eu* sou Halaster da Montanha Subterrânea. Use seu próprio nome quando quiser fazer seu trabalho sujo, Khelben”.

Em meio aos suspiros de fúria, medo e excitação crescente em todas as mulheres embriagadas ao redor, uma mulher suada, de máscara e que trazia um anel brilhante em uma mão erguida, se firmou, virou e então girou de volta para observar a Laeral cambaleante. Não... não, simplesmente não poderia ser!

Khelben se inclinou para Halaster e apontou para Laeral, perguntando suavemente, “Então, *isso* não é obra sua?”.

“Nada meu. Aquele golem de carne está sob o controle do Mago Vermelho ali”.

Houve um grito, um brilho, e de repente uma mulher a menos estava na sala. O Mago Vermelho disfarçado havia fugido.

Halaster e Khelben trocaram olhares e então balançaram suas cabeças em desgosto mútuo.

“Mais velho e mais lento, mais velho e mais lento”, Halaster resmungou.

Khelben concordou severamente. “Escapou livremente de nós”, ele disse, “embora isso não devesse ser possível”. Conforme ele olhava a falsa Laeral, sua forma mudou, curvando-se no semblante gasto de um morto ambulante.

“Um golem de carne!”, a Senhora Irlingstar ofegou, suas palavras ecoaram pela sala por uma voz que ela reconheceu. Estava vindo detrás de uma sorridente máscara de pirata, mas era inegavelmente Salu Hiilgauntled – e soou tão furiosa como a da própria Senhora Nael era.

Elas deram um passo para frente como uma, ambas abrindo suas bocas para perguntar ao Lorde Mago de Águas Profundas o que estava acontecendo na sua festa, com aqueles magos à espreita espionando, golens de carne e...

O que quer que elas possam ter dito fora encoberto para sempre por um uivo de dor tão repentino e alto quanto uma avalanche. “NÃO! Broren! Nãããã!”, Jalamra afastou seus companheiros dos seus braços e correu atravessando a sala, sem prestar atenção nas mesas, mulheres encolhidas e magos barbados em seu caminho. “Meu amado! Quem fez isso com você, Broren? *Garantas e entranhas de quem eu vou rasgar?*”.

Halaster e Khelben pararam ao lado dela e saltaram, mais ou menos em uníssono. Trocando olhares, eles consentiam em comum acordo e moveram suas mãos direitas.

A bárbara aos soluços desapareceu no meio de um rugido, deixando a sala cheia de mulheres congeladas em silêncio, piscando diante de um golem de carne cambaleante.

“A menos que eu esteja enganado”, resmungou Khelben, se apoiando em seus joelhos para levantar, “essas duas moças tão atraentes são na verdade Cavaleiros de Myth Drannor, mais conhecidos pelos nomes de Torm e Rathan! Acho que teremos algumas respostas agora, e...”.

“Morra Khelben, pela vontade dos Magos Vermelhos! Deixe Águas Profundas ser libertar de sua tirania! *Morra!*”.

Os gritos da figura se inclinando sobre Khelben com um anel brilhante em uma das mãos estendidas e cabeludas era inegavelmente de um homem. Houve um brilho, um trovejar de chamas – e roedores desapareceram das pretaleiras de toda a sala, reaparecendo em uma torrente de rangidos que saiu do anel que piscava, direto no rosto do Lorde Mago de Águas Profundas.

Khelben se abaixou novamente, lançando-se desesperadamente no meio da tempestade de pelos. Halaster deu um passo rápido para frente com as mãos erguidas para liberar uma magia mortal, encarou o Lorde Mago tropeçando no chão... e começou a rir.

Aquela alegria se transformou em uma torrente de gargalhadas inevitáveis que enlouqueceu o mago da Montanha Subterrânea, tremendo e cambaleante – riso que apenas dobrou quando a figura do anel disse “Oh, *merda!*”, em uma voz de assombro desesperado, começando a agitar o anel e a gritar sua palavra de comando vez após outra.

Esquilos sumiram, reapareceram, sumiram e reapareceram novamente, muitos deles deixando rios de urina em seu medo.

E então o protótipo de assassino se vestiu com o espartilho de borracha abaixo de sua cintura, e lenta e cuidadosamente, e muito alto e firme, disse a palavra de comando mais uma vez – e o golem de carne explodiu.

Houve muito choro e gemidos por entre a fumaça que saía em curvas grossas de cada porta e janela do Portal Bocejante. Amaldiçoando com uma fluência e garra que chocou Durnan, momentaneamente sem fala, sua esposa e mulher correram diante dele para dentro da estalagem, esperando o pior.

Uma batida vigorosa e arfante, e formas de membros cambaleantes avisaram a Durnan que elas o haviam encontrado, apesar de estarem

provavelmente pensando em fogo e matronas nobres mortas na confusão e na queda do telhado, ao invés de literalmente correr abruptamente até Torm do Vale das Sombras.

Torm tossiu prontamente, arremessou-se de lado e veio rolando sobre seus pés no meio das mulheres que ainda corriam. Ele tossiu de novo e ficou de pé – e agora havia uma adaga resplandecendo em sua mão.

Durnan fechou os dedos envelhecidos, mas ainda fortes como aço, ao redor da arma do bandido, e disse gentilmente, “Entregue a arma, Cavaleiro de Myth Drannor, ou eu cortarei sua mão fora. Sem perdão... poss lhe garantir”.

Torm piscou para ele: “Durnan? Durnan, mas o que, pelos Nove Infernos, possuiu você para permitir que alguém fizesse uma Noite das Damas no Portal Bocejante? ‘Cê sabe o que eles estão *fazendo* lá?”.

“Ainda não”, Durnan respondeu calmamente, carregando Torm como se fosse uma boneca sem peso pela mão presa do ladrão, “mas estou a prestes a descobrir”.

Naquele momento uma cabeça empoeirada cheia de tentáculos se ergueu de uma pilha de escombros bem diante deles. Sem diminuir, o dono do Portal balançou o ladrão como se fosse uma arma, trazendo para si a lâmina da adaga de Torm sacada em um forte golpe.

Tentáculos bailaram em um escudo frenético e torcido para desviar-se daquela presa de aço. “Não me ataque! Não me ataque!”, o íltide meio enterrado sibilou. “Sou um pintor pacífico, vim aqui para procurar imagens para me inspirar! Não quero machucar ninguém, e não ofereci perigo nenhum!”.

“Um devorador de mentes, na *minha* taverna”, Durnan resmungou, puxando algo pequeno que brilhou de seu cinto e segurando-o prontamente na mão. “Pelos deuses vigilantes, o que por tudo...?”.

“Íltides são seus menores problemas, Mestre do Portal”, uma voz não familiar disse friamente de dentro da parede de fumaça à frente. “Você recebeu as matriarcas de pelo menos sete famílias nobres dessa cidade nessa noite, e Halaster Manto Negro... sem mencionar o Lorde Mago de Águas Profundas, um Mago Vermelho e o assassino que ele contratou, um golem de carne, dois cavaleiros de Myth Drannor e...”.

“E você”, Durnan disse calmamente. “Importa-se em me dizer que você é?”.

Uma figura esquelética saiu de dentro da fumaça, conjurando um brilho suave de lugar nenhum com uma mão, e fazendo algo com a outra que fez com que o íltide desaparecesse com um choro contido de surpresa.

Os olhos de Torm se estreitaram. Sobre e ao redor dos ossos ambulantes diante dele, a poeira estava

formando uma mulher alta, esbelta e cheia de curvas...

“Eu ouvi essa voz antes”, ele observou. “No Porto dos Crânios, quando alguém estava brincando de ser... Laeral, é você?”

“*Senhora* Laeral, por favor”. Uma mão esquelética fez uma pose, apoiando-se em um quadril meio visível. “Eu tenho alguma dignidade para manter, andando por aí nua durante toda a noite”.

Durnan suspirou. “Senhora maga, você não precisava...”

“Ah, precisava sim. Tinha que encontrar algum meio de ganhar dinheiro, afinal, e...”

“Mesmo sem ter bolsos para colocá-lo”, Torm murmurou, uma observação que foi devidamente ignorada.

“... *alguém* tem que manter os olhos nas coisas, uma vez que sua família deixou as premissas”.

“Khelben e Halaster não são o suficiente?”

“Bom Durnan”, Laeral respondeu bastante severa, “os dois homens que você mencionou são exatamente as coisas nas quais eu mantinha meus olhos. Um arquimago cabeça dura tende a ser muito para qualquer taverna suportar, e você tem *dois* deles aqui”.

A fumaça estava diminuindo agora, e com ela veio um som fraco de tosse e de ânsia de vômito da sala atrás de Laeral, e um aumento em afirmações agudas que escapavam e gritos de “Laeral está morta! A Senhora Maga derrubada bem diante dos nossos olhos! Águas Profundas está condenada!”.

Antes do presente momento, nem Torm ou Durnan teriam achado que seria possível para um esqueleto aparentemente com nada além de buracos no lugar dos olhos, mas agora eles estavam rapidamente iluminados.

“É melhor você fazer algo”, Laeral disse ao dono do Portal Bocejante, “ou eles começarão a destruir o lugar”.

Durnan assentiu, sabendo que ela estava certa. Uma pessoa não mantinha uma taverna na Cidade dos Esplendores por décadas sem aprender como ler o humor da multidão...

“Khel... o senhor ainda está aí?”, ele perguntou conforme dava passos adiante. “E Halaster?”

“O mago louco se teleportou assim que o golem explodiu”, Laeral respondeu, saltando um passo atrás dele, Torm ao seu lado, “mas sim, Khleben ainda...”

“Assim que o golem explodiu?”, Durnan perguntou desgastado. “Será que eu tenho tempo para essa história, logo agora?”

“Não”, Laeral respondeu simplesmente.

“Pôxa, mas eu estou surpreso”, ele respondeu sem qualquer sarcasmo. “Agora eu sei que você e seu senhor podem falar o que está na mente, ou falar

magias, ou o que quer que seja: por favor, faça isso, e traga-o aqui para nós agora, tão rápido quanto...”

Houve um brilho, e o Cajado Negro parou na entrada da sala diante deles. Ele fez um gesto de reconhecimento para Durnan, virou para o esqueleto e resmungou, “Você *tem* que usar tais formas, mulher? Como se não bastasse mostrar sua pele para toda Águas Profundas, você também mostra os ossos agora...”

“Lorde Khelben”, Durnan disse encrespado, “Peço sua ajuda. Agora. Muitas mulheres assustadas e furiosas de Águas Profundas estão amontoadas na sala atrás de você, e elas terão que ser tranquilizadas e satisfeitas. Imediatamente”.

Khelben suspirou. “Sim, sim, eu sei o que devemos fazer. Como sempre”.

“Ridículo!” Citta Hotherner disse, puxando uma máscara com um grande nariz de sua face raivosamente, e a arremessando pela sala. “Isso foi o que fomos feitas para sentir, aqui! Salu, eu não sei *o* que você estava pensando quando escolheu esse lugar baixo, simples e *sujo*! Isso foi um desastre!”.

Houve gritos de concordância, e Ariel Jhanszil, orgulhosa de cada centímetro de sua linhagem como Senhora Hotherner, rasgou os restos de seu próprio disfarce e resmungou, “*Dessa* vez eu concordo com você, Citta! Um *total* desastre!”.

“Fomos feitas de tolas!”, uma nobre mais nova choramingou, e até mesmo Nael Irlingstar admitiu, “As coisas não foram bem”.

Salu Hiilgauntled se esticou até o último centímetro de seu corpo tanto quanto era possível, seus olhos escuros brilhando com uma fúria tão grande quanto qualquer uma das suas amigas matronas de Águas Profundas, e disse friamente, “Nossa nobre e bem-planejada festança foi deliberadamente arruinada, senhoras, por *homens* dessa cidade que planejaram...”

Houve uma explosão repentina de luz azul no centro do bar, queimado e com escombros espalhados – uma esfera de radiação tão penetrante, intensa e forte que as mulheres gritaram de medo e se esconderam pela sala.

Do coração dessa espetacular explosão de luz saiu uma figura bem familiar: o Lorde Mago de Águas Profundas, em seus trajes conhecidos.

As moças congelaram em um silêncio espantado, num instante. Muito poucas delas jamais haviam antes visto o Cajado Negro sorrindo animadamente.

“*Que* aventura!”, Khelben gritou, expandindo suas mãos conforme ele girava lentamente para olhar cada

canto da sala com olhos brilhantes. “Destemidas senhoras, toda Águas Profundas agradece a vós nessa noite... pela vossa coragem que nos salvou!”.

A pequena forma de um ladrão de olhar astuto vestido com couro, com adagas brilhando em ambas as mãos, correu pela sala, causando mais alguns suspiros ansiosos. Torm se ergueu em sua altura total e declamou, “O Lorde Mago fala a verdade! Até mesmo nós que nos escondemos nas sombras devemos nos colocar adiante para falar a vós, senhoras corajosas! Vossa coragem na batalha preservou a cidade para todos nós!”.

Um sacerdote de Tymora rechonchudo e ofegante marchou para o bar, vindo de outra porta e adicionou, “Eu também atesto a isso e saúdo a vós, senhoras!”.

Houve outra explosão de brilho – branco pérola dessa vez – e de dentro desse breve brilho saiu a Senhora Maga de Águas Profundas, resplandecente em um vestido de colo alto. Laeral sorriu feliz conforme olhava ao redor da sala. “Vós fizestes nosso sexo ficar orgulhoso, senhoras, se colocando firmemente contra devoradores de mente, Magos Vermelhos, magias mortais, e ainda mais! Diante de todos os deuses, eu juro que devemos ter mais Noites das Damas, se essas forem as moças impetuosas que nossa cidade justa pode reunir!”.

Ela estalou os dedos e bandejas de prata começaram a flutuar pela sala, cada uma carregando uma pequeno e brilhante floresta de garrafas. “Durnan, o proprietário do Portal Bocejante, divide nosso orgulho! Ele não sonharia em se intrometer na sua reunião, mas implora para que deixem que ele ofereça esse presente, como um símbolo pelo serviço que vocês prestaram a ele e à cidade, esses vinhos finos de sua adegas particular!”.

Houve murmúrios e assobios de antecipação conforme as garrafas se dirigiram para as paredes da sala, onde as mulheres sujas e manchadas de fumaça se posicionaram amontoadas atrás das mesas viradas e dos guerreiros esparramados e sem consciência que as haviam agraciado antes... e então houve uma corrida geral de agarramentos e embriagues, e risadas e goles mais profundos.

“Uma outra coisa”, Laeral acrescentou. “O grupo dos Manopla Brilhante da Glória foi forçado a adiar sua pilhagem na Montanha Subterrânea, pois agora eles não têm fundos o suficiente para voltar – graças às magias desonestas lançadas pelo Mago Vermelho diante de vós, senhoras, que tão bravamente o desafiaram e o mandaram embora. A primeira aventura deles terá que esperar para a *próxima* Noite da Damas no Portal Bocejante!”.

Houve um urro geral de aprovação das senhoras, muitas das quais ergueram as garrafas em um

cumprimento entusiasmado.

Entre toda essa alegria, Torm, Rathan, Khelben e Laeral se inclinaram educadamente – e desapareceram em um piscar de olhos no meio de uma poeira mágica, deixando as damas de Águas Profundas sozinhas, encarando-se uma a outra confusamente, antes de urrarem de alegria novamente, e voltarem para seu sério negócio de provar vinhos que pareciam não ter fim.

Não demorou muito para que as poções de sono com as quais as garrafas haviam sido preenchidas fizessem seus efeitos usuais, e senhoras drogadas caíram decorosamente pela sala. Roncos gentis se fizeram ouvir, crescendo velozmente para um coro nada agradável – e na escuridão da velha e empoeirada passagem de espionagem que corria por cima do fundo da sala, Halaster Manto Negro resmungou, “Deuses, Laeral e Khelben! Que podridão vocês fizeram! Mas que tamanho disparate e absurdo, que monte de estrume! Que mentiras enfeitadas sobre mentiras! Que...”.

Uma repentina risada em seu cotovelo fez o mago insno cair em silêncio. *Ninguém* poderia se aproximar tão perto dele sem ser notado!

Uma segunda risada entregou a voz de Laeral de Águas Profundas. “Meu senhor Halaster, você viveu dentro e embaixo de Águas Profundas por séculos e esperava qualquer *outra* coisa em uma reunião de nobres de Águas Profundas? Bem, você *é* um idiota!”.

Um momento de silêncio frio seguiu sua amarga observação... e então, pela segunda vez naquela noite, Halaster da Montanha Subterrânea explodiu em rugidos de gargalhadas inevitáveis.